

Arthur Conan Doyle

Tradução: José Carlos da Silva Silveira

A história do Espiritualismo

De Swedenborg ao início do século XX



SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	13
1 – A história de Swedenborg	15
2 – Edward Irving: os <i>shakers</i>	27
3 – O profeta da Nova Revelação	41
4 – O episódio de Hydesville.....	55
5 – A carreira das irmãs Fox.....	79
6 – As primeiras manifestações na América.....	105
7 – A aurora na Inglaterra.....	129
8 – Progressos contínuos na Inglaterra.....	147
9 – A carreira de Daniel Dunğlas Home.....	161
10 – Os irmãos Davenport	183
11 – As pesquisas de Sir William Crookes	199
12 – Os irmãos Eddy e o casal Holmes.....	219
13 – Henry Slade e o Dr. Monck.....	243
14 – Investigações coletivas sobre o Espiritualismo	267
15 – A carreira de Eusapia Palladino.....	287
16 – Grandes médiuns de 1870 a 1900	305

17 – A Sociedade de Pesquisas Psíquicas	335
18 – Ectoplasma.....	363
19 – Fotografia de Espíritos.....	393
20 – Voz direta e moldagens	413
21 – Espiritualismo francês, alemão e italiano	429
22 – Grandes médiuns modernos	453
23 – O Espiritualismo e a guerra	475
24 – O aspecto religioso do Espiritualismo.....	493
25 – O pós-morte na visão dos espiritualistas	519
Apêndice	531
1 – Notas ao 4	533
2 – Nota ao 6	541
3 – Notas ao 7	543
4 – Nota ao 10	547
5 – Notas ao 16.....	549
6 – Notas ao 25	553
Índice onomástico	555

Apresentação

A história do Espiritualismo, de Arthur Conan Doyle,¹ até onde nos é dado saber, é a mais completa resenha de fatos psíquicos da literatura mundial, em se considerando o período por ela abrangido: de Swedenborg — o grande vidente sueco do século XVIII — ao final do primeiro quartel do século XX, quando ocorre sua primeira edição em língua inglesa, no ano de 1926.

Conan Doyle, entretanto, não se satisfaz em relatar os fenômenos que surpreenderam a humanidade com a força de uma *invasão organizada*, segundo suas próprias palavras. Também não se limita a apresentar os resultados, positivos ou negativos, das investigações científicas desses fenômenos. Vai além. Ele usa toda a capacidade crítica que o tornou mundialmente famoso pelas inteligentes histórias de seu detetive *Sherlock Holmes*, e por tantas outras obras de grande vigor literário, para analisar, com notável bom senso, as características intelectuais, morais e espirituais de médiuns, pesquisadores, representantes do clero, da imprensa e das sociedades científicas, bem como o contexto social em que viviam, procurando sempre ressaltar que a autenticidade dos fatos era sempre comprovada por quem deles se ocupava com o zelo indispensável à busca da verdade.

¹ N.T.: escritor e médico inglês, Arthur Ignatius Conan Doyle (1859-1930) tornou-se famoso com seus policiais a partir de *A Study in Scarlet* (1887), que inicia a série de Sherlock Holmes, protótipo de famoso investigador. Durante a 1ª Guerra Mundial, escreveu panfletos de propaganda aliada e, após o conflito, divulgou o Espiritualismo, ao qual se dedicou em memoráveis experiências (*Enciclopédia século XX*, volume III, p. 712).

Ele faz adequada distinção entre *Espiritualismo* e *Espiritismo*. No capítulo 21, intitulado *Espiritualismo francês, alemão e italiano*, diz o seguinte:

O Espiritualismo na França e entre os povos latinos segue Allan Kardec, que prefere usar o termo Espiritismo, sendo seu principal aspecto a crença na reencarnação.

Com efeito, Allan Kardec criou o termo *Espiritismo* à vista da grande amplitude de conceitos do *Espiritualismo*, o qual, assim, não poderia expressar os ensinamentos específicos que os Espíritos superiores lhe traziam por meio de diversos médiuns. Conan Doyle, entretanto, neste livro, não trata de *Espiritismo* e sim do *Espiritualismo* dentro do período supracitado. No capítulo 24, intitulado *Aspecto religioso do Espiritualismo*, afirma ele:

A definição de Espiritualismo, impressa em cada edição do *Light* — jornal espiritualista londrino semanal — é a seguinte: “A crença na vida do Espírito, separado e independente do organismo material, e na realidade e valor do intercâmbio inteligente entre Espíritos encarnados e desencarnados” (p. 501).

Veem-se aí apenas dois pontos fundamentais do Espiritismo: a *sobrevivência* e a *comunicabilidade* dos Espíritos.

Nada obstante, Conan Doyle, ainda no mesmo capítulo, diz que as igrejas da Grã-Bretanha se reuniam dentro de princípios mais amplos de crença, que ele sintetiza da seguinte forma:

1. A paternidade de Deus.
 2. A fraternidade entre os homens.
 3. A comunhão dos santos e o ministério dos anjos.
 4. A sobrevivência humana à morte física.
 5. A responsabilidade pessoal.
 6. A compensação ou retribuição pela prática do bem ou do mal.
 7. O progresso eterno acessível a todos.
- (p. 499-500)

Outros pontos básicos do Espiritismo, em especial a *reencarnação*, não faziam parte desse contexto.

Sobre esta última, assim se expressa o autor no capítulo 21, citado:

Os espiritualistas da Inglaterra não têm decisão firmada sobre a reencarnação. Alguns a aceitam, muitos não. A atitude geral é no sentido de que, como se não pode provar a doutrina da reencarnação, é melhor excluí-la da política ativa do Espiritualismo.

Tal posicionamento se devia ao fato de que, nas pesquisas psíquicas, os médiuns e cientistas ingleses, ou anglo-saxões de modo geral, não obtinham dos Espíritos referências sobre a reencarnação.

A posição de Conan Doyle é cautelosa, tendo em vista o contexto em que vivia. Contudo, sua capacidade lógica leva-o a inclinar-se para a aceitação também desse princípio. Diz ele, ainda no mesmo capítulo:

De modo geral, afigura-se ao autor que, bem-sopesadas, as provas até aqui reunidas demonstram que a reencarnação é um fato, mas não necessariamente de caráter universal. Quanto à ignorância dos nossos amigos Espíritos sobre um ponto ligado ao seu próprio futuro, tal fato não deve causar estranheza, visto que, se não estamos certos quanto ao nosso, é possível que eles tenham também o mesmo tipo de limitação. Quando nos perguntamos “Onde estávamos antes de nascer?”, temos uma resposta conclusiva no sistema do vagaroso processo evolutivo pelas encarnações, com longos períodos intermediários de repouso para o Espírito. Se não for assim, não temos resposta alguma; parece inconcebível, porém, que tenhamos entrado para a eternidade no momento em que nascemos: existência posterior implica existência anterior. A propósito da natural pergunta “Por que, então, não nos lembramos das existências pregressas?”, podemos dar a seguinte resposta: tais lembranças trariam graves complicações à vida presente, além do que essas existências bem podem formar um ciclo, que se nos apresenta suficientemente claro apenas quando atingimos seu termo e descortinamos o inteiro rosário de vidas entrelaçadas à nossa

individualidade. A convergência de tantas linhas de pensamento teosófico e oriental para a reencarnação, e a explicação que esta fornece à doutrina do *karma*, que sustenta a injustiça de uma vida única, são pontos em seu favor, como possivelmente serão aquelas lembranças e identificações, por vezes bastante precisas para serem simplesmente confundidas com impressões atávicas. Certas experiências hipnóticas — a mais famosa é a do investigador francês coronel de Rochas — pareciam robustecer a ideia da reencarnação, pois o sensitivo, em transe, era levado a situações que sugeriam encarnações passadas; contudo, as mais remotas destas eram difíceis de ser verificadas, ao passo que as mais próximas se tornavam motivo de suspeição pela possibilidade de interferência dos conhecimentos do próprio médium. Entretanto, não se pode negar que, ante uma determinada tarefa a ser concluída ou uma falta exigindo reparação, a possibilidade de retorno à vida física será ansiosamente aguardada pelo Espírito interessado (p. 433-434).

Assim, resta-nos apenas reforçar a importância desta obra para todo aquele que sonda o desconhecido em busca de novos rumos. E tal importância não se deve apenas ao seu notável repertório de pesquisa psíquica, mas, principalmente, ao relato dos sacrifícios de médiuns e pesquisadores, que enfrentaram o preconceito da ignorância e os ardis da má-fé para provar a sobrevivência da alma e trazer ao ser humano a certeza de que o amor continua indestrutível, devassando as sombras da morte.

O TRADUTOR

Prefácio

Esta obra, originada de pequenos capítulos esparsos, acabou por transformar-se numa narrativa que abrange, de certo modo, toda a história do movimento espiritualista. Essa origem, porém, reclama breve explicação. Havia eu elaborado alguns estudos, sem outro propósito senão o de adquirir e passar ao público a visão clara dos episódios que se me afiguravam importantes no moderno desenvolvimento espiritual do ser humano. Esses estudos incluíam capítulos sobre Swedenborg, Irving, A. J. Davis, o incidente de Hydesville, a história das irmãs Fox, dos irmãos Eddy e a vida de D. D. Home. Eles foram redigidos sem que eu percebesse que já estava contando a história mais completa do movimento espiritualista, até então vinda à luz, com a vantagem de ser escrita por quem dele participava e possuía experiência direta de seu estágio atual.

É mesmo curioso que, considerado por muitos o mais importante da história da humanidade desde a época do Cristo, o movimento espiritualista jamais tenha tido um historiador entre seus integrantes, alguém com larga experiência pessoal de suas características. O Sr. Frank Podmore, por exemplo, reuniu grande número de fatos, mas ignorou aqueles que lhe não serviam aos propósitos, esforçando-se por sugerir a inutilidade da maior parte dos restantes, especialmente os fenômenos físicos, quase sempre fraudulentos, em sua opinião. Há a história do Espiritualismo do Sr. McCabe, reduzindo todos os fenômenos à fraude, sendo o próprio título uma designação incorreta, porque induz o público a comprar o livro sob a impressão de tratar-se este de um registro sério e não de uma farsa. Há também uma outra história, de J. Arthur Hill, escrita sob o enfoque da pesquisa psíquica, mas muito longe dos fatos realmente provados. Existem ainda

as obras *O Espiritualismo americano moderno: um registro de vinte anos*² e *Os milagres do século dezanove*,³ ambas escritas pela Sra. Emma Hardinge Britten, mulher notável e esplêndida propagandista; mas esses livros, extremamente valiosos, referem-se apenas a fases da história do Espiritualismo. Finalmente — o melhor desses trabalhos — *A sobrevivência do homem após a morte*,⁴ do Reverendo Charles L. Tweedale. Não tem ele, contudo, o propósito de relatar a história do Espiritualismo, mas sim de fazer uma exposição — aliás, excelente — a respeito da verdade do culto religioso. Há histórias gerais do misticismo, como as escritas por Ennemoser e Howitt; não existe, porém, descrição alguma definida e abrangente da evolução do movimento espiritualista mundial.

Este livro estava prestes a ser impresso quando apareceu a obra de Campbell-Holms, que, como indica o próprio título — *Os fatos da ciência psíquica e a filosofia*⁵ —, é um compêndio de grande utilidade, mas não pretende ser uma história sequenciada.

Certamente um trabalho como este reclamava grande esforço de pesquisa, muito além das possibilidades de minha laboriosa existência. Em verdade, meu tempo era de algum modo a ele dedicado, mas a literatura a respeito do assunto é vasta e, além disso, havia muitos aspectos do movimento requisitando meus cuidados. Nessas circunstâncias, solicitei e obtive a leal cooperação do Sr. W. Leslie Curnow, que se revelou inestimável, não só pelo conhecimento do assunto como pela diligência. Ele cavava, continuamente, essa vasta pedreira, separando do lixo o minério. Em todos os sentidos, ofereceu-me sua melhor colaboração. No início, minha expectativa era a de receber apenas material bruto, mas eventualmente ele me dava o trabalho pronto, que eu aproveitava com satisfação, alterando-o somente para imprimir-lhe meu ponto de vista pessoal. Não consigo expressar o reconhecimento por seu auxílio sincero, e, se não lhe associei o nome ao meu no frontispício desta obra, é por razões que ele compreende e endossa.

ARTHUR CONAN DOYLE

² N.T.: *Modern American Spiritualism: A Twenty Year's Record*.

³ N.T.: *Nineteenth Century Miracles*.

⁴ N.T.: *Man's Survival after Death*.

⁵ N.T.: *The Facts of Psychic Science and Philosophy*.

CAPÍTULO 1

A história de Swedenborg

É impossível fixar a data em que uma força inteligente exterior, elevada ou não, interferiu, pela primeira vez, nas relações humanas. Os espiritualistas têm por hábito considerar o dia 31 de março de 1848 como o ponto de partida de todos os fenômenos psíquicos, porque seu próprio movimento data deste dia. Contudo, período algum da História ficou isento dessa influência supranormal, como também de seu tardio reconhecimento por parte da humanidade. A única diferença entre os fatos antigos e o moderno movimento é que aqueles podem ser descritos como episódios de viajantes perdidos de alguma esfera distante, enquanto este último apresenta as características de uma invasão organizada. No entanto, assim como uma invasão pode ser precedida por pioneiros, que exploram a terra, o influxo espiritual dos recentes anos foi prenunciado por alguns incidentes, localizados na Idade Média, ou mesmo depois dela. Mas um ponto deve ser fixado para o início desta narrativa e, talvez, o melhor seja a história do grande vidente sueco Emanuel Swedenborg, considerado o pai desse novo conhecimento das questões espirituais.

Quando os primeiros raios de sol da sabedoria espiritual caíram sobre a Terra, eles iluminaram a maior e a mais lúcida mente humana antes de se lançarem sobre os homens comuns. Era essa mente elevada a do grande reformador religioso e médium clarividente, tão pouco compreendido por seus próprios seguidores quanto era o Cristo em sua época.

Para entendermos Swedenborg, seria preciso ter um cérebro como o dele, e isto não ocorre sequer uma vez num século. Contudo, usando a comparação e a experiência de fatos por ele desconhecidos, podemos perceber certo ângulo de sua vida mais claramente do que ele mesmo o pôde. Este estudo não tem por objetivo tratar o homem como um todo, mas envidar esforços por colocá-lo no esquema geral da revelação psíquica — objeto desta obra —, do qual sua própria igreja, em sua estreiteza, o excluiu.

Para nossas ideias de psiquismo, Swedenborg, de certa forma, era uma contradição, pois costumamos dizer que o grande intelecto impede a experiência psíquica pessoal. A ardósia limpa, decerto, é a mais apta para a escrita de uma mensagem. A mente de Swedenborg, porém, não era uma ardósia limpa e sim marcada por toda espécie de conhecimento que a humanidade é suscetível de alcançar. Nunca houve tanta concentração de informações. Era ele um grande engenheiro de minas e autoridade em metalurgia; engenheiro militar, que contribuiu para mudar a sorte de uma das muitas campanhas de Carlos XII da Suécia; grande autoridade em astronomia e física, autor de eruditos trabalhos sobre as marés e a determinação das latitudes; zoologista e anatomista; financista e economista político, que antecipou as conclusões de Adam Smith. Finalmente, era profundo estudioso da *Bíblia*. Pode-se dizer que sugara teologia com o leite materno: viveu, na rígida atmosfera evangélica de um pastor luterano, o período de vida mais propenso à influência. A expansão psíquica, ocorrida ao completar cinquenta e cinco anos, não interferiu em sua atividade mental, e muitos de seus trabalhos científicos foram publicados depois dessa época.

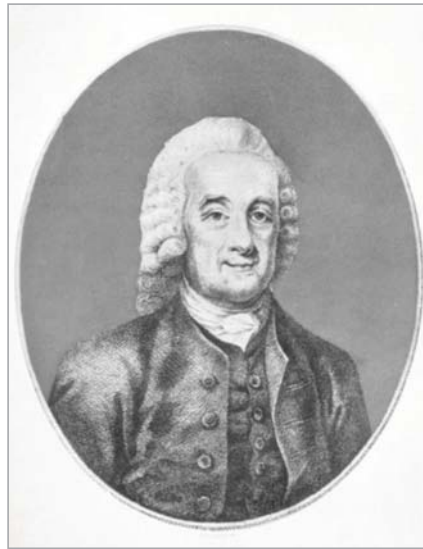
Possuindo a mente nesse nível, era natural que tivesse faculdades supranormais, ocorrência até certo ponto comum a todo homem de pensamento; não parece natural, entretanto, a condição de médium. Em determinado sentido, seu grande intelecto lhe trouxe prejuízo, levando-o a alterar as próprias experiências, embora lhe fosse também extremamente útil. Para demonstrar isso, há que considerar os dois aspectos de seu trabalho.

O primeiro é o teológico. Para a maior parte das pessoas fora do rebanho escolhido, este aspecto afigura-se inútil e perigoso, pois, embora Swedenborg aceite a *Bíblia* como sendo, em uma feição toda particular, a obra de Deus, sustenta não estar seu significado no sentido evidente

do texto, cabendo somente a ele, com a ajuda dos anjos, descobri-lo. Tal pretensão é intolerável. Se fosse aceita, a infalibilidade do Papa seria insignificante comparada à dele. Ao menos o Papa só é infalível ao dar o veredito sobre os pontos doutrinários *ex cathedra*, em conjunto com seus cardeais. A infalibilidade de Swedenborg, porém, seria universal e irrestrita. Ademais, suas explicações sequer são razoáveis. Quando, para conhecer o verdadeiro sentido de uma mensagem enviada por Deus, temos de admitir que o cavalo significa a verdade intelectual; o asno, a verdade científica; a chama, o aperfeiçoamento,

e assim por diante, no meio de incontáveis símbolos, sentimo-nos adentrar num reino de simulacro apenas comparável às cifras que alguns críticos engenhosos buscam identificar nas peças de Shakespeare. Certamente, Deus não envia a verdade ao mundo dessa maneira. Se tal opinião fosse aceita, o credo swedenborguiano seria apenas a mãe de mil heresias, e nos encontraríamos outra vez entre as distinções sutis e os silogismos dos escolásticos medievais. Tudo que é grande e verdadeiro é simples e inteligível. A teologia de Swedenborg nem é simples nem inteligível. Nisso reside sua condenação.

Contudo, quando deixamos de lado essa cansativa exegese das Escrituras, em que tudo difere de seu significado óbvio, e compreendemos o alcance dos ensinamentos de Swedenborg, verificamos que estes não estão em desacordo com o pensamento liberal moderno ou com os ensinamentos recebidos do Outro Mundo, desde quando se intensificou o intercâmbio espiritual. Dessa forma, não pode ser contestada a proposição de que este mundo é um laboratório de almas, o campo de experiências onde o material se transforma no espiritual. Ele rejeita a Trindade em seu



EMANUEL SWEDENBORG
Gravura de Battersby, *The European Magazine*, 1787

sentido comum, mas a reconstrói num sentido extraordinário, igualmente censurável por um unitarista.⁶ Admite em todo sistema um propósito divino e afirma não estar a virtude restrita ao Cristianismo. Concorde com o ensino espiritualista de se buscar na força do exemplo o verdadeiro objetivo da vida do Cristo, e rejeita o pecado original e a expiação. Vê no egoísmo a raiz de todo o mal, mas aceita uma forma de egoísmo saudável, tal como conceituado por Hegel. Em matéria de sexo, sua teoria é liberal até à permissividade. Considera absolutamente necessária a existência de uma igreja, como se nenhum indivíduo pudesse relacionar-se diretamente com o Criador. São tantas ideias misturadas, expostas, de forma ampla e obscura, em grossos volumes escritos em latim, que o intérprete, se o quiser, encontrará nelas os elementos necessários para fundar uma nova religião. Não está aí, porém, o valor de Swedenborg.

Seu valor está nas próprias faculdades psíquicas e nas informações obtidas por meio destas. Tais informações continuariam a ser valiosas, ainda que de sua pena jamais tivesse saído uma palavra sobre teologia. É dessas faculdades e informações que trataremos agora.

Desde muito jovem, Swedenborg tinha visões, mas, quando chegou à maturidade, sua energia e espírito prático abafaram esse aspecto mais delicado de sua natureza. Esse tipo de mediunidade, contudo, veio à tona em várias ocasiões, demonstrando que ele possuía a faculdade geralmente chamada de *clarividência*, mediante a qual a alma parece deixar o corpo e obter informações à distância, retornando com notícias do que está ocorrendo alhures. Essa qualidade não é rara entre os médiuns e pode ser encontrada em muitos sensitivos espiritualistas, mas o é nos intelectuais, sendo igualmente rara quando acompanhada pela aparente normalidade do corpo, enquanto o fenômeno se processa. Assim, no conhecido caso de Gothenburg, o vidente assistiu a um incêndio em Estocolmo, a 300 milhas de distância, com perfeita exatidão, estando ele num jantar com dezesseis convidados, que deram valioso testemunho do fato. A história foi verificada pelo filósofo Immanuel Kant, seu contemporâneo.

⁶ N.T.: adepto do unitarismo, "seita protestante do séc. XVI, que negava o dogma da Trindade, reconhecendo em Deus uma só pessoa" (*Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*).

Esses incidentes ocasionais, no entanto, eram apenas o sinal das latentes faculdades que emergiriam subitamente em Londres, no mês abril de 1744. Note-se que, embora o vidente pertencesse a uma distinta família sueca e tivesse sido educado para a vida da nobreza de seu país, foi em Londres que seus principais livros foram publicados, sua iluminação espiritual se iniciou e, finalmente, morreu e foi sepultado. Desde o dia de sua primeira visão até a morte, ocorrida vinte e sete anos mais tarde, esteve em constante intercâmbio com o Outro Mundo.

Na mesma noite, abriram-se nitidamente para mim o mundo dos Espíritos, o inferno e o céu. Aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Depois disso, o Senhor diariamente abria-me os olhos do espírito para que visse, em plena vigília, os acontecimentos do Outro Mundo e pudesse conversar com anjos e Espíritos.

Em sua primeira visão, Swedenborg fala de uma espécie de vapor fluindo de seus poros. “Era um vapor d’água perfeitamente visível, derramando-se no chão sobre o tapete”. Esta é a exata descrição do ectoplasma, identificado como base do fenômeno físico. Essa substância tem sido também denominada *ideoplasma*, porque toma, instantaneamente, qualquer forma impressa pelo Espírito. No caso citado, a substância transformava-se, de acordo com o relato de Swedenborg, em animais daninhos, fato indicativo da desaprovação de sua dieta por seus guardiões. Esse fenômeno era seguido de aviso, por meio da clariaudiência, de que ele deveria ter mais cuidado com a alimentação.

De que maneira o mundo reagiria a tal narrativa? Poderia declarar a loucura desse homem. Entretanto, não deu ele, nos anos subsequentes de sua vida, demonstração alguma de fraqueza mental. Poderia afirmar que mentiu. Contudo, notabilizou-se por sua meticulosa veracidade. Seu amigo Cuno — banqueiro em Amsterdã — disse, a esse respeito: “Quando ele me fita, com seus sorridentes olhos azuis, é como se a própria verdade falasse por eles”. Então, ter-se-ia autossugestionado e enganado honestamente? Deve-se, porém, encarar o fato de que suas principais observações do Outro Mundo têm sido confirmadas e difundidas, desde sua época,

por inumeráveis pesquisadores de fenômenos psíquicos. Em verdade, ele foi o primeiro e, sob muitos enfoques, o maior de todos os médiuns, sujeito, como os outros, aos erros e aos privilégios decorrentes das faculdades mediúnicas; seus poderes somente podem ser compreendidos pelo estudo da mediunidade, e, no empenho de separá-lo do Espiritualismo, a Nova Igreja mostrou-se completamente equivocada acerca de seus dons e do verdadeiro lugar por estes ocupados no quadro geral da natureza. Foi um dos grandes pioneiros do movimento espiritualista, ocupando aí posição compreensível e gloriosa. Entretanto, por ser figura singular, portadora de faculdades ininteligíveis, é impossível incluí-lo na classificação do pensamento religioso, por mais abrangente que seja.

É interessante notar que Swedenborg considera suas faculdades mediúnicas intimamente ligadas ao sistema da respiração. É como se, pelo fato de o ar e o éter estarem a nossa volta, pudéssemos respirar mais éter e menos ar e, assim, atingir um estado mais etéreo. Essa é, sem dúvida, uma forma elementar e grosseira de referir-se ao assunto, mas a ideia permeia o trabalho de muitas escolas de psiquismo. Laurence Oliphant, que, decerto, não teve vinculação com Swedenborg, escreveu o livro *Sympneumata*, para explicar a mesma ideia. Note-se que o sistema indiano de ioga tem idêntico fundamento. Aliás, qualquer pessoa que tenha visto um médium comum entrar em transe conhece a inspiração peculiar iniciadora deste processo e as expirações profundas que o encerram. Apresenta-se aí um campo promissor de estudo para a ciência do futuro. Aqui, porém, como em outras matérias psíquicas, é necessária toda cautela. O autor sabe da ocorrência de muitos resultados trágicos em virtude do uso, sem o devido conhecimento, da respiração profunda nos exercícios psíquicos. As faculdades espirituais bem como a energia elétrica podem ser empregadas de variadas maneiras, mas reclamam conhecimento e cuidado para serem exercidas.

Swedenborg resume o assunto dizendo que, ao entrar em comunhão com os Espíritos, respira com dificuldade durante uma hora, “tomando apenas o ar necessário para suprir os pensamentos”. A par dessa peculiaridade a respeito da respiração, permanece no estado normal durante as visões, conquanto prefira estar sozinho nesses momentos. Parece ter sido privilegiado com a possibilidade de examinar o Outro Mundo através de suas várias esferas e, embora seu raciocínio teológico possa ter colorido as próprias descrições, a

vasta extensão de seu conhecimento material deu-lhe poderes inusitados de observação e comparação. Vejamos quais as principais informações trazidas por ele de suas inúmeras jornadas espirituais e o quanto coincidem com as que têm sido obtidas, desde sua época, pela pesquisa psíquica.

Segundo pôde verificar, o mundo para onde vamos após a morte é formado de diferentes esferas, representando vários graus de iluminação e felicidade, e iremos para aquelas em consonância com nossas condições espirituais; somos julgados, de forma automática, por uma lei espiritual que estabelece a atração do semelhante pelo semelhante, sendo o julgamento determinado pelo resultado total de nossa vida: a absolvição e o arrependimento no leito de morte podem ser, assim, de pouca valia.

Observou ainda que o cenário e as condições deste mundo são inteiramente reproduzidos nessas esferas espirituais, bem como o é a estrutura de nossa sociedade. Encontrou casas para a residência das famílias, templos para a adoração, salões para as reuniões sociais e palácios para a habitação dos governantes.

A morte reveste-se de suavidade, em virtude da presença de seres celestiais que ajudam o recém-chegado em sua nova existência. Esses recém-chegados passam imediatamente por um período de completo repouso, retomando a consciência em poucos dias, segundo nossa contagem de tempo.

Há anjos e demônios, mas eles não são de ordem diferente da nossa. São seres humanos que viveram na Terra, os quais podem ser almas pouco evoluídas, como os demônios, ou elevadas, como os anjos.

Nada em nós se altera com a morte. O ser humano continua o mesmo em todos os aspectos, embora mais perfeito do que antes, levando com ele suas faculdades bem como os hábitos mentais adquiridos, as crenças e os preconceitos.

Todas as crianças, batizadas ou não, são recebidas no Outro Mundo da mesma maneira, e aí crescem. Mulheres jovens as assistem maternalmente até que as mães verdadeiras as encontrem.

Não há punição eterna. Aqueles que estão nos infernos podem trabalhar, se o quiserem, para de lá saírem. Os que habitam os céus também não estão num lugar permanente: trabalham para alcançarem regiões mais elevadas.

Há casamento em forma de união espiritual, o que leva o homem e a mulher a constituírem uma unidade humana completa. Vale destacar que Swedenborg nunca se casou.

Não há, nas esferas espirituais, detalhe algum que lhe tenha escapado à observação. Ele fala da arquitetura, do trabalho dos artesãos, das flores e dos frutos, dos ornamentos, da arte, da música, da literatura, da ciência, das escolas, dos museus, das faculdades, das bibliotecas e dos esportes. Tudo isso choca as mentes convencionalistas. Nada obstante, poder-se-ia perguntar por que toleramos a existência de harpas, coroas e tronos, como habitualmente o fazemos, enquanto negamos a possibilidade de coisas menos materiais. Eis aí algo de difícil compreensão.

Aqueles que deixam este mundo, decrépitos, enfermos, ou deformados, readquirem a própria juventude e, gradualmente, assumem pleno vigor. Os casados continuam juntos, desde que intimamente ligados por sentimentos recíprocos de simpatia. Se assim não acontece, dissolve-se o casamento.

Dois seres que se amam verdadeiramente não são separados pela morte de um, porque o Espírito do morto se liga ao Espírito do sobrevivente. Com a morte deste último, eles se reencontram e se unem, amando-se mais ternamente do que antes.

Esses são alguns respigos do imenso tesouro de informações, enviado por Deus ao mundo por meio de Swedenborg. Continuadamente tais informações têm sido repetidas pelas bocas e penas de nossos iluminados espiritualistas. O mundo as desprezou, embora se prenda a desgastadas e absurdas concepções. Todavia, o novo conhecimento está abrindo seu caminho passo a passo e, quando for inteiramente aceito, a missão de Swedenborg será reconhecida e sua exegese bíblica, olvidada.

A Nova Igreja, organizada para sustentar o ensinamento do mestre sueco, em lugar de assumir seu legítimo lugar de fonte do conhecimento psíquico, estagnou-se. Quando o movimento espiritualista irrompeu, em 1848, e homens, como Andrew Jackson Davis, deram-lhe suporte com seus escritos filosóficos e faculdades psíquicas muito semelhantes aos de Swedenborg, a Nova Igreja teria agido melhor se tivesse aclamado esse

movimento, considerando-o de acordo com as orientações de seu líder. Em vez disso, preferiu, por alguma razão desconhecida, enfatizar as diferenças e ignorar as semelhanças, até que as duas organizações adotassem entre si posição de hostilidade. Com efeito, os espiritualistas deveriam reverenciar Swedenborg como sendo o primeiro e maior dos médiuns modernos, colocando seu busto em cada templo. Por outro lado, a Nova Igreja deveria passar por cima das pequenas diferenças e unir-se ao novo movimento com ardor, a fim de que suas igrejas e instituições pudessem contribuir para a causa comum.

Quando examinamos a vida de Swedenborg, é difícil descobrir as causas que levaram seus atuais seguidores a olharem com desconfiança os outros grupos espiritualistas: o que ele fazia em seu tempo é o que estes últimos fazem hoje. Falando da morte de Polhem, o vidente diz:

Ele morreu segunda-feira e falou comigo na terça-feira. Fui convidado para o funeral. Ele viu não só o carro funerário como também o caixão, ao ser baixado à sepultura. Conversou comigo como um ser vivente, perguntando-me por que o haviam enterrado, se estava vivo. Quando o padre afirmou que ele se ergueria no Dia do Juízo, perguntou-me qual a razão de semelhante assertiva, pois já estava de pé. Admirou-se dessa crença, considerando o fato de que, mesmo agora, ele se encontrava vivo.

Isso tudo está inteiramente de acordo com as experiências dos médiuns da atualidade. Admitindo-se que Swedenborg estava certo, esses médiuns também estão.

De outra vez, Swedenborg afirma: “Brahe foi decapitado às 10 horas da manhã e falou comigo às 10 da noite. Permaneceu a meu lado quase todo o tempo, por vários dias”.

Esses exemplos mostram que Swedenborg não hesitava em conversar com os mortos, assim como o Cristo, quando falou com Moisés e Elias no monte.

Swedenborg expôs essas ideias de forma bastante clara. Entretanto, ao examiná-las, devemos ter em mente a época em que vivia, bem como sua falta de experiência a respeito do rumo e objeto da Nova Revelação.

Afirmava ainda que Deus, em virtude de seus bons e sábios propósitos, tinha separado o mundo dos Espíritos do nosso, não sendo permitido o intercâmbio entre ambos, a não ser por razões poderosas — entre as quais não poderia ser incluída a mera curiosidade. Todo estudioso sincero de psiquismo concorda com isso, assim como todo espiritualista sério é contrário a transformar este assunto — o mais solene que há sobre a Terra — em uma sorte de passatempo. Dessa maneira, a principal razão que encontramos para o intercâmbio desses dois mundos é a de que, vivendo em uma época de materialismo, como Swedenborg jamais teria imaginado, nos estamos esforçando para provar, por meios objetivos, a existência e a supremacia do Espírito, de modo tal que os materialistas sejam perseguidos e vencidos em seu próprio campo. Seria difícil imaginar qualquer razão mais poderosa do que esta. Sendo assim, julgamo-nos no direito de dizer que, se Swedenborg fosse ainda vivo, ocuparia posição de liderança no movimento espiritualista moderno.

Alguns de seus seguidores, notadamente O Dr. Garth Wilkinson, fizeram a seguinte objeção:

O perigo de o ser humano falar com os Espíritos é o fato de estarmos todos ligados aos nossos semelhantes. Como existe muito de maldade nos Espíritos que se nos assemelham, eles apenas confirmariam nossas opiniões, em seu intercâmbio conosco.

A isso podemos apenas responder que, não obstante especioso, é falso esse raciocínio, como demonstra a experiência. O homem não é naturalmente mau. Ao contrário, é intrinsecamente bom. O simples ato de comunicar-se com o mundo espiritual, com toda a solenidade deste ato, mostra seu lado religioso. Assim, de regra, não se sente a má, mas a boa influência, como o demonstram os belos registros de sessões, repletos de ensinamentos morais. O autor pode afirmar que, em aproximadamente quarenta anos de trabalho psíquico, durante os quais tem participado de inumeráveis sessões em muitos países, nunca ouviu, em sessão alguma, uma palavra obscena ou qualquer mensagem que pudesse ofender os ouvidos das senhoras mais delicadas. Outros espiritualistas veteranos trazem testemunho idêntico. Dessa forma, conquanto seja indubitavelmente correto o fato de serem os

Espíritos maus atraídos para um círculo mau, na realidade é muito difícil que alguém seja incomodado por esta razão. Se, no entanto, esses Espíritos se aproximarem, o procedimento adequado não é expulsá-los, mas conversar gentilmente com eles, no intuito de fazê-los perceber a própria condição e o que devem realizar para buscarem o autoaperfeiçoamento. Isso ocorreu muitas vezes na experiência pessoal do autor e com os mais felizes resultados.

Algumas ligeiras informações sobre Swedenborg, tendo por objetivo indicar sua posição no movimento espiritualista, encerram esta breve digressão sobre sua doutrina. Quando jovem, ele era frugal, prático, trabalhador e enérgico, e, na idade madura, muito amável. A vida parece tê-lo transformado em pessoa gentil e venerável. Era plácido, sereno e sempre disposto a conversar. Sua conversação, porém, não tomava o rumo do psiquismo, a menos que seus companheiros o desejassem. O material dessas conversas era sempre notável, mas ele tinha uma gagueira que lhe impedia a fluência. Fisicamente, era alto e magro, de rosto espiritualizado e olhos azuis; usava peruca até os ombros, roupas escuras, calças até os joelhos, fivelas nos sapatos e bengala.

Swedenborg sustentava que uma nuvem pesada se havia formado em volta da Terra, pela vulgaridade psíquica da humanidade, e que, de tempos em tempos, os seres humanos eram julgados, ocorrendo sua purificação, como sucede com a atmosfera material, saneada pela tempestade. Ele viu o mundo sendo levado a uma posição perigosa ante a irracionalidade das Igrejas, que provocava total ausência de religião. Autoridades espiritualistas contemporâneas, notadamente Vale Owen, afirmam também a existência dessa nuvem, acumulando-se, havendo um sentimento geral de que esse necessário processo de purificação não tarda. Pode-se compreender melhor Swedenborg, sob a perspectiva espiritualista, por meio de um extrato de seu próprio diário. Diz ele:

Os ensinamentos teológicos são, por assim dizer, gravados rapidamente no cérebro, sendo de difícil remoção. Durante o tempo em que aí permanecem, não deixam espaço para as afirmações da verdade.

Excepcional vidente e grande pioneiro do conhecimento psíquico, a fraqueza de Swedenborg residiu nas próprias palavras que proferiu.

O leitor que quiser aprofundar os conhecimentos sobre Swedenborg encontrará seus ensinamentos mais característicos nas obras *Céu e inferno*,⁷ *A nova Jerusalém*⁸ e *Arcana Coelestia*. Sua vida foi admiravelmente relatada por Garth Wilkinson, Trobridge e Brayley Hodgetts — este último é atual presidente da Sociedade Inglesa Swedenborg. Apesar de todo o simbolismo teológico de que se utilizou, seu nome deve perdurar como sendo o do primeiro homem moderno que descreveu o processo da morte e o Outro Mundo. Suas descrições não têm por base o êxtase vago e as visões impossíveis das velhas Igrejas, mas correspondem àquelas que nós mesmos obtemos dos Espíritos, os quais tanto se esforçam por transmitir uma ideia mais clara a respeito de sua nova existência.

⁷ N.T.: *Heaven and Hell*.

⁸ N.T.: *The New Jerusalem*.